

INOVAÇÃO E TRADIÇÃO
NO PENSAMENTO DO
PADRE MARCELO ROSSI¹Péricles Andrade²

A religião pode ser uma pedra lançada na terra; mas deve ser uma pedra palpável, e alguém deve lançá-la (GEERTZ, 2004, p. 16-17).

É comum ver-se o Padre Marcelo como um “padre moderno”, que “renovou” o catolicismo brasileiro atual. Este artigo tem como objetivo apontar certa tensão nos discursos e nas práticas do Pe. Rossi. Busca-se mostrar até que ponto ele dialoga ou rejeita o “mundo”. Como em seu agir convivem *modernidade e tradição*.³

¹ Parte integrante da tese “Um artista da fé: padre Marcelo Rossi e o catolicismo brasileiro contemporâneo”, defendida em março de 2006 junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação dos professores Dr. Roberto Motta e Dra. Lília Junqueira. Agradeço as sugestões do prof. Dr. Francisco José Alves (UFS) em relação a este capítulo da tese.

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco; Mestre em Sociologia e Licenciado em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista PRODOC/CAPES junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.

³ No sentido religioso, a tradição seria um conjunto de crenças, práticas e formas de organização institucional transmitidas de geração a geração por uma religião. Na concepção católica, a Tradição tem como ponto de partida as “verdades” transmitidas pelo ensinamento de Cristo ou reveladas pelo Espírito Santo aos apóstolos e seus sucessores, o papa e os bispos. Ela é confirmada pelos padres da Igreja, os concílios e os dogmas promulgados pelo magistério. A síntese dos pensamentos da Igreja está contida no Catecismo Católico³, que traz os ensinamentos da doutrina, vida e culto. De acordo com a postura oficial do clero, este documento perpetua e transmite à todas as gerações “tudo o que ele é, tudo o que crê”. Nele é reforçado que a tradição vem dos apóstolos e transmite o que estes receberam do ensinamento e do exemplo de Jesus Cristo (Catecismo da Igreja Católica, 1999, p. 34-35).

Em 1990, quanto tinha 21 anos, Marcelo Rossi⁴ sofreu dois choques emocionais: a morte de um primo em acidente de carro e a descoberta de um tumor na face de sua tia. Segundo o próprio Marcelo Rossi, tal sofrimento o levou de volta às orações, à Igreja Católica. O contato com grupos de oração da *Renovação Carismática* despertou nele o desejo de ser padre. No ano seguinte, impressionado com uma minissérie de TV sobre a vida de João Paulo II, decidiu ingressar no seminário. Estudou Filosofia pela *Universidade Nossa Senhora Assunção* e Teologia pela *Faculdade Salesiana de Lorena*. Quando entrou no seminário, em 1991, o *Muro de Berlim* já desabara, João Paulo II já imprimira sua marca pessoal no comando da Igreja, e os defensores da *Teologia da Libertação* já haviam sido quase silenciados. Durante três dos quatro anos de curso dedicou-se a um trabalho missionário na favela do *Buraco Quente*, perto do seminário. Aos poucos, foi percebendo que a intervenção social da Igreja na manutenção de uma grande creche era exemplar, mas os católicos que moravam no bairro careciam de amparo espiritual. Como não tinham, iam à igreja evangélica mais próxima.

Eu comecei a fazer celebrações da palavra dentro da creche, e os fiéis adoraram. Desde então não tive dúvidas de que deve haver um equilíbrio entre o trabalho social e o espiritual. A Igreja estava voltada demais para os problemas sociais (ROSSI apud JUNQUEIRA; EDUARDO. Uma estrela no altar. Veja, 04/11/1998. Disponível em <http://www.veja.com.br> Acesso em: 25 junho de 2004).

Marcelo Rossi se ordenou em 1º de dezembro de 1994. Sua primeira missa foi celebrada no salão de festas do prédio onde vivia com sua

⁴ Marcelo Mendonça Rossi nasceu em 20 de maio de 1967, em São Paulo, numa família católica de classe média. Sua infância foi vivida no bairro de Santana, Zona Norte, onde costumava ir às missas com seus pais Antônio e Vilma, suas irmãs Mônica e Marta. Aos 16 anos de idade se afastou da igreja, por ele então julgada "enfadonha". Prosseguiu a vida com as atividades próprias de um adolescente metropolitano de classe média: futebol, namoro, danceterias, clubes e academias de ginástica. Ingressou num curso superior de educação física e, ao se formar em 1989, passou a trabalhar como instrutor e depois como professor (Souza, 2001).

família, em Santana. Aos poucos, ganhou destaque pela desenvoltura com que presidia as “missas de libertação” na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Santa Rosália, na Diocese de Santo Amaro, Grande São Paulo.⁵

Rapidamente, fiéis de outros bairros e municípios da *região metropolitana* vinham em busca de “cura” e “graças”. Esse público foi crescendo à medida que sua fama se espalhava, levando, inclusive, pessoas a segui-lo nas suas apresentações, celebrando missas ou apenas cantando. Formava-se uma legião de “fiéis-fãs”. A quantidade de pessoas que afluíam às suas celebrações cresceu junto com sua importância entre os padres da diocese. Em 1997, o bispo Dom Fernando Figueiredo o levou consigo para uma visita ao papa em Roma, um privilégio considerável para um jovem padre. Naquele ano, também aconteceu a primeira grande concentração de massa protagonizada por Marcelo Rossi: “Sou feliz porque sou católico”, em 2 de novembro, feriado de *Finados*, no estádio do Morumbi e reuniu por volta de 70 mil pessoas. O título deste evento foi adotado pelo padre Marcelo como seu lema, incentivando o uso do adesivo com essa frase pelos católicos em seus carros para se identificarem como tais (SOUZA, 2001, p. 81-82).

A primeira estratégia de evangelização do padre Marcelo Rossi foram as “missas de libertação”. O sucesso dessas celebrações foi fundamental na visibilidade midiática alcançada, à medida que seu carisma foi se instituindo. Suas “missas de libertação” poderiam torná-lo um padre entre os milhares que fazem celebrações orientadas pela *Renovação Carismática*. Entretanto, seu porte atlético, promessas de cura milagrosas e adoção de estratégias próximas dos pastores neopentecostais, como curas e orações, deram-lhe visibilidade. Se-

⁵ Estabelecida pelo papa João Paulo II em 2 de maio de 1989, Santo Amaro é uma das dioceses autônomas surgidas do desmembramento da Arquidiocese de São Paulo, à época comandada pelo cardeal-arcebispo D. Paulo Evaristo Arns. Outras dioceses surgidas então foram as de Campo Limpo, São Miguel e Osasco. Há quem tenha interpretado essa manobra do Vaticano como esforço deliberado de reduzir a influência da linha pastoral politizadora de D. Paulo sobre algumas das regiões mais carentes da Grande São Paulo, entre elas a de Santo Amaro, onde a Renovação Carismática e o padre Marcelo têm forte penetração (AS DESILUÇÕES DOS CANDIDATOS E A “AMEAÇA” HOMOSSEXUAL, Folha de São Paulo, 11/04/2004, p. 7-8).

gundo o próprio Rossi, seu sucesso é resultado da ênfase no “espiritual”, diferentemente dos padres da *Teologia da Libertação* que se voltavam para o “social” (AMARAL, Luís Henrique. Folha de São Paulo, ed. 11/1761, 04/11/97 p. 1-12. ANDRADE, Patrícia; ZORZAN, Patrícia. Renovação Carismática ganha espaço na Igreja Católica. Folha de São Paulo, 17/10/1999, p. 1-6 (Brasil). Disponível em [http// www.folhadesaopaulo.com.br](http://www.folhadesaopaulo.com.br). Acesso em 20 abr. 2003).

1. Um Catolicismo secularizado

As práticas rossianas são marcadas pela aceitação da modernidade, aquilo que o próprio padre denomina “abertura” da Igreja para o mundo. Esta “abertura” é marcada pela preocupação com a eficácia das práticas religiosas, atribuindo grande importância aos “gostos” e “vontades” dos fiéis. É uma visão pragmática, sobre dois temas centrais: o uso dos meios de comunicação e a necessidade de mudanças litúrgicas mais adequadas.

Em relação ao primeiro tema, percebe-se nos discursos do padre Marcelo uma associação entre religião e mercado midiático, como ele afirmou em entrevista “testo, canto e vejo a reação dos fiéis” (FOLHA DE SÃO PAULO, 06/02/2000, p. 1-13). Tal fala demonstra uma forte preocupação com a eficácia das estratégias evangelizadoras, sobretudo buscando assegurar o retorno dos fiéis e a hegemonia do campo religioso. Nota-se a perspectiva pragmática. Padre Marcelo “testa” como qualquer vendedor de mercadoria. Nesse caso, ele se apresenta como um “empresário”, mas não um mero empresário, e sim aquele de bens de salvação. Num certo sentido, os bens simbólicos ofertados, antes impostos pela autoridade, têm que ser “vendidos” a uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. O catolicismo proposto por Marcelo Rossi tornou-se uma “agência de mercado”. O padre tem de se organizar de forma a conquistar uma população em competição com outros grupos que têm o mesmo propósito. Imediatamente, tornou-se importante a questão da produção de “resultados”. (BERGER, 1985).

Do mesmo modo, quando indagado sobre sua participação em diversos programas, novamente o viés pragmático se evidencia: “*vou a todo*

programa, a todo lugar" (FOLHA DE SÃO PAULO, 06/02/2000, p. 1-13). Este sentido mercadológico fica explícito num comentário quando comentou sobre a possibilidade de gravação de uma série de TV na Europa: "percebemos que há mercado" (CONTIGO!, 22/01/2004, p. 34-39). Nota-se como o padre Marcelo se enquadra no mercado como qualquer "vendedor". Dificilmente um sacerdote convencional falaria assim.

O mesmo sentido mercadológico é observado numa entrevista concedida em dezembro de 1998 sobre o sucesso das suas músicas, especialmente, Erguei as mãos:

Uma discoteca de São Paulo, que não vou revelar o nome, colocou uma das músicas do meu CD, todos aplaudiram e dançaram ao som de "Erguei as mãos". As aulas de aeróbica estão sendo feitas com a música dos animaizinhos. Estamos entrando aonde nunca imaginamos com a palavra de Deus (NOROESTE NEWS, 09/12/1998).

Nesta fala do Padre Marcelo fica evidente a adaptação ao mundo. Os bens simbólicos ofertados pelo Padre Rossi não devem estar restritos aos espaços tradicionais, como os templos religiosos. Suas músicas devem atingir locais onde, na ótica do clero, o pecado está presente, tais como as "casas noturnas". Na concorrência com as outras empresas da salvação, há um reconhecimento de um objeto de luta em comum: ganhar adeptos ou perecer. Nesse sentido, este agente denota conhecimento das regras do jogo, do sentido do campo. Considerando a diminuição do seu rebanho, padre Marcelo combate o avanço de outras "empresas de salvação", que poderiam atrair o rebanho de fiéis, base de sua sustentação material. Para isto vale tudo ou quase tudo.

Padre Marcelo enfatiza o poder da mídia como instrumento de evangelização. Sua definição de comunicação, inclusive, revela "abertura" ao mundo: "é simples, através da repetição. São coisas rápidas, para a sociedade de hoje. Flashes. Mas você vai à necessidade da pessoa, vai ao coração da pessoa" (FOLHA DE SÃO PAULO, 28/10/96. p. 1-1).

Tal discurso evidencia a tentativa de "atualização" do catolicismo. Vários signos discursivos apontam a busca da plausibilidade da comunicação proposta pelo Padre Marcelo. Primeiramente, destacam-se dois

aspectos: “simplicidade” e “repetição”. Tais discursos devotam um interesse explícito em atingir o grande público. Postula-se uma comunicação em linguagem acessível à maioria da população que, no passado, tinha dificuldades em se identificar com os discursos “distantes” dos padres tradicionais, assim como com os discursos “intelectualizados” dos adeptos da Teologia da Libertação. Agora, Marcelo Rossi propõe uma comunicação que incorpora elementos do marketing, principalmente, a repetição.

Padre Marcelo considera sua presença nos meios de comunicação como um “jogo de xadrez”. Isso inclui estratégias de aparição e retirada: “tudo foi muito consciente. Não esqueça que eu jogo xadrez. Chega um momento em que penso: está na hora de recuar a peça (...) Estou falando com católicos afastados da Igreja” (CONTIGO!, 21/12/1999).

Está evidente que o uso da mídia como instrumento de evangelização é estrategicamente pensado: “eu não estou sentado, estou atendendo um pedido do Papa, eu não fico esperando as pessoas chegarem. Através dos meios de comunicação eu estou dizendo: ‘Acorda, sem Deus você não é nada’. Essa é a minha função” (NOROESTE NEWS, 09/12/1998).

Através deste trecho, observa-se que a evangelização proposta pelo Padre Marcelo tem um caráter ofensivo. Isso está explícito quando afirma “não estou sentando” e “não fico esperando”. Aqui, está evidente que há uma disputa pelos fiéis. Noutro trecho de discurso isso pode ser confirmado:

Querendo ou não, você atinge a todo mundo. Estou trazendo as pessoas para a Igreja e não para mim. Não sou artista, ator ou cantor. Sou um sacerdote em busca de seu rebanho (...). Olha que beleza é a mídia! E sabendo usá-la... Eu não preciso sair da minha Arquidiocese para atingir e “acordar” todo mundo. O sucesso vem com o meu rebanho voltando à Igreja, e se este foi o caminho escolhido para trazê-lo de volta, eu aceito... (REVISTA FÉ E LUZ, 12/1999).

Esta preocupação com a recepção da “nova evangelização” associa-se a outro aspecto presente em seus discursos: um tipo de fiel específico. Para isto é necessária uma evangelização que não negligencie seus receptores. Quando fala, por exemplo, do jovem e da criança, Marcelo Rossi deixa clara sua opção:

Acredito que o meu objetivo é a criança e o jovem. Porque eles são o futuro da Igreja e do Brasil. Fiz este ano o "Carnaval de Jesus". Acabei a Missa, e durante 1 hora e 12 minutos os jovens pularam pra Jesus. Eu disse pra eles: "Vocês terão muito mais alegria do que os outros jovens que estão pulando o carnaval lá fora, sujeitos a drogas e bebidas alcoólicas (REVISTA COLEÇÃO GLÓRIA AO SENHOR, 01/04/1999).

Observa-se que o Padre Marcelo está ciente de que o avanço da secularização atinge principalmente a camada jovem. Dessa forma, suas propostas de evangelização buscam atingir essa parcela da população, assim como fazer com que os fiéis católicos retornem aos sacramentos com a música: "e que instrumento maravilhoso! A prova está aí, você está vendo o retorno das pessoas à religião através da música" (ÉPOCA, 1/03/1999).

A importância atribuída ao mercado levou o Padre Marcelo a algumas mudanças em relação aos contratos. Novamente o sentido pragmático se evidencia no discurso do Padre quando justifica sua transferência da gravadora Universal para a Sony. Segundo o religioso, essa mudança "abriu as portas para eu poder realizar esse filme [Maria, Mãe do Filho de Deus], então, trata-se de uma providência divina" (O FUXICO, 22/05/2003). A assinatura do contrato com a Rádio Globo também foi marcada com certo entusiasmo do Padre Rossi: "na Rádio América eu falava para 200 mil pessoas por dia em São Paulo. Na Globo, entro em Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Diariamente, são 1,6 milhão de ouvintes..." (ISTOÉ, 07/04/2004, p. 07-11).

A preocupação pragmática no discurso rossiano está presente no sentido atribuído à religião pelos fiéis. Segundo Marcelo Rossi, cabe ao Padre estar atento ao interesse do laicato:

... acho que o movimento da Teologia da Libertação se voltou demais para o social e se esqueceu do espiritual (...). Toda ideologia afasta pessoas. A maior queda no número de católicos aconteceu após essa ideologização (...). Agora imagine ir à Igreja em busca de conforto espiritual e ouvir o padre falar de política... (ISTOÉ, 07/04/2004, p. 07-11).

Em relação às mudanças operadas na liturgia, novamente a ênfase recai sobre a necessidade de retorno dos fiéis ao catolicismo, como afirmou em 1998: “eu completo quatro anos de sacerdócio agora. Eu tenho recebido muitos testemunhos de pessoas que voltaram para suas paróquias. Isso é o fruto do meu trabalho.” (NOROESTE NEWS. 09/12/1998). Para isto, conforme ele destaca, foi preciso “atingir”, “abrir o caminho”, “desbravar” (REVISTA FÉ E LUZ, dez./1999).

Justificando o uso das coreografias, destaca-se, no seu discurso, o termo “necessidade”, ele diz: “percebi a necessidade de levar as pessoas a terem esse prazer de estar na Missa”. Além desse sentido, está presente também, nesta fala, um esforço de plausibilidade. O termo “prazer” demonstra a busca por transformar a prática religiosa em algo sedutor, prazeroso, termo tão complexo na teologia cristã. Essa posição contrapõe-se à tradição católica, na qual as obrigações religiosas, como as freqüências regulares à missa, são vistas como obrigações, como um fardo. Noutro trecho, há uma associação entre alegria e religião, outra faceta importante no discurso e nas práticas do padre Marcelo: “Para mim, Deus é alegria (...). É preciso dar esperança, fazer o fiel conhecer Cristo”. (ISTOÉ, 07/04/2004, p. 07-11).

2 – Um catolicismo tradicional

A visão do Padre Marcelo Rossi é marcada pela afirmação da tradição católica. Essa afirmação se concretiza a partir de três temas gerais: “fé” incondicional, obediência à hierarquia e condenação de alguns valores da modernidade.

No livro *Eu sou feliz por ser católico* lançado em 2000, Marcelo Rossi comenta e transcreve alguns textos “primitivos” da história da Igreja Católica. De acordo com Dom Fernando, profaciador da obra, a intenção do padre é transmitir, de “modo simples”, trechos de documentos que marcam essa história. O livro é apresentado como um “instrumento de evangelização” àqueles fiéis que estão retornando à freqüência regular ao catolicismo. Os temas escolhidos obedecem claramente à opção de formar um fiel católico obediente e praticante. O texto em geral tem um tom

didático. Padre Marcelo apresenta alguns comentários gerais relativos aos temas e transcreve algumas passagens dos textos antigos. Eu sou feliz por ser católico está estruturado em sete capítulos, bibliografia, apêndice e cronograma das atividades exercidas pelo padre Marcelo (ROSSI, 2000, p. 07).

Nos comentários, o Padre Marcelo ressalta a defesa da “fé incondicional” a partir de dois temas: Eucaristia e Maria. Quanto ao primeiro, Rossi o destaca como centro da vida cristã. Como esclarece, sua proposta é “deixar para você alguns escritos históricos que dão claro testemunho da real presença do Senhor no sacramento do altar”. Do mesmo modo, o leitor é alertado para o fato de que, desde os primeiros séculos da Igreja, não se encontra “nenhum texto que duvide da real presença de Cristo na Eucaristia” (ROSSI, 2000, p. 09).

No tocante ao culto à Maria, Padre Marcelo destaca os títulos atribuídos à Maria nos textos antigos: “cheia de graça”, “serva do Senhor”, “mãe de meu Senhor” e “Bem-aventurada”. A seleção exalta o exemplo de Maria como fiel “respeitada e honrada”, sua concepção virgem, obediência, santidade e aparições. Ao exaltar o exemplo de Virgem, alinha-se à doutrina oficial da Igreja Católica, que a considera “modelo de fé e da caridade”, como aquela que cooperou “na obra do Salvador para a restauração da vida sobrenatural das almas” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 273).

Outro componente da visão de Rossi é a relação com a hierarquia. Em diversas passagens, Rossi deixa evidente sua subordinação ao Vaticano. Em *Eu Sou Feliz por Ser Católico*, Marcelo Rossi reforça o “Primado da Igreja Católica” e destaca a vontade de Cristo em relação à continuidade e escolha de seus ministros. Confirma a ordem hierárquica da Igreja através dos textos: “... desde o início, a Igreja se organiza e se estrutura hierarquicamente. À frente dela são ordenados os Bispos, os Presbíteros e Diáconos, com funções próprias em vista da sua edificação e da consolidação da unidade” (ROSSI, 2000, p. 42).

Essa preocupação com a hierarquia e a unidade aparece ainda no mesmo ano, numa entrevista: “não sou carismático (...). Sou Padre da Igreja Católica Apostólica Romana”. Sua obediência à hierarquia pode ser observada em outras passagens: “sigo a orientação da Igreja.”; “e eu

amo essa Igreja.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 06/02/2000, p. 1-13). Dois aspectos podem ser destacados nesta fala. Primeiramente, embora seja um padre formado no seio da Renovação Carismática Católica (RCC), Padre Marcelo não se apresenta como um sacerdote carismático. Atentem para a ênfase no pertencimento à Igreja Católica e à sua hierarquia. Isso está evidenciado no uso do termo “orientação”. Vejam que o Padre não se apresenta como heterodoxo. Ele se define, assim, como um fiel seguidor de Roma. O Padre Rossi não quer fundar um novo catolicismo, mas torná-lo mais atual. Essa negação evidencia o temor de algumas autoridades eclesiais de que a ampliação dos carismáticos ocasione sua sobreposição ao catolicismo. Alguns membros do episcopado temem que a Renovação se torne um movimento carismático, o que abalaria a estrutura católica. Assim, Padre Marcelo ressalta sua subordinação direta ao Vaticano e não à RCC. No capítulo intitulado “O Primado de Pedro”, Marcelo Rossi apresenta trechos de textos antigos do cristianismo que comprovam o “primado de Roma”. Comentando o texto de São Jerônimo, no ano 396, ao Papa Dâmaso, o padre escreve: “... o primado que os bispos de Roma desde o século I exerceram na Igreja é legítimo, pois não se faz senão continuar o primado de Pedro, primado que este Apóstolo recebeu diretamente de Cristo” (ROSSI, 2000, p. 60).

Esta afirmação da romanidade pelo Padre Marcelo se relaciona com a política adotada pelo Vaticano, sobretudo a partir do pontificado de João Paulo II. Há cada vez mais um catolicismo centricista que deslegitima os níveis inferiores – as conferências episcopais nacionais e os próprios bispos –, levando, em alguns casos, os fiéis a ouvirem diretamente mais o Papa do que seu bispo. Essa tendência traz, inclusive, inúmeras tensões ecumênicas, principalmente quando foca três campos: a “Nova Evangelização”; a intransigência doutrinal e ética sobre questões como ordenação das mulheres, contracepção e sua maneira de valorizar o ponto de vista cristão em sociedade secularizada e pluralista como a européia; o funcionamento monárquico e autoritário (Willaime in: Luneau e Michel, 199, p. 176).

De certa forma, esta tensão ecumênica também está presente no discurso do padre Marcelo, como em março de 2000, em que deixou explícito o fiel ideal de que deveria participar do “carnaval de Jesus”:

Poderiam vir pessoas que eu não quero. Como o carnaval não está acostumado a ser uma festa religiosa, preferi fechar com uma rádio que eu sei que é católica e que eu vou saber para quem estarei falando. Se eu abro para falar com todo mundo, eu vou falar com pessoas que não têm idéia, que vão achar que é um carnaval comum. (FOLHA DE SÃO PAULO, 02/03/2000, p. 3-6).

A obediência do Padre Marcelo ao Vaticano aparece quando ele discute temas “polêmicos”, tais como sexualidade, celibato, homossexualismo e contracepção. A sexualidade e, conseqüentemente, a “imoralidade” dos tempos atuais têm sido assuntos recorrentes nos discursos de Rossi. Opinando sobre tais tópicos, fica muito evidente o reforço da tradição e a negação do mundo contemporâneo. O mesmo ocorre quando o sacerdote foca as relações conjugais na sociedade de hoje. Assim, o padre condena as típicas relações “descartáveis” da contemporaneidade, num evidente esforço de gerenciamento da vida dos fiéis:

Hoje você usa de alguém, assim como um copo descartável. Querem fazer isso com o homem e a mulher, sermos descartáveis e isso não somos. Então, quando eu realizo um casamento, eu falo principalmente que do casamento para frente tem que ter amor e respeito, que é o amor que Deus propôs. O dia que você perde o respeito, o amor acaba (NOROESTE NEWS. 09/12/1998).

A fala do Padre ecoa a voz oficial do Vaticano. Questiona-se o feito “descartável” das relações entre os sexos. A expressão “não somos” no discurso do padre deve ser entendido como não devemos ser. Esta condenação ressalta o significado do casamento na tradição. Segundo esta, apesar das inúmeras variações, o casamento não é uma instituição simplesmente humana, mas divina. Ele seria um meio de salvação na medida em que se constitui num sacramento da aliança de Cristo com a Igreja. Este seria, na visão de Marcelo Rossi, “o amor que Deus propôs”. Na perspectiva da tradição, em lugar das relações “descartáveis”, deve haver “amor indissolúvel”, com “fidelidade”, “doação recíproca definitiva” e “destinada à fecundidade” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999).

O amor livre é outro tema do Padre Rossi. O assunto emerge no seu discurso quando fala do uso da camisinha. Diz o Sacerdote: "... a Igreja não pode ser imediatista. Ela não pode legitimar a camisinha porque assim estaria incentivando o amor livre" (CHIQUES & FAMOSOS, 08/10/1999). "Amor livre", dentro desta visão, é o avesso do ideário católico, que liga sexo ao amor, "amor-compromisso" no casamento, no âmbito de relações sancionadas pela Igreja. Esse tipo de amor, condenado pelo Padre Marcelo, vai de encontro à necessidade da presença de um ministro eclesiástico para dar acolhimento. Na visão do prelado, a "união livre" é uma "ofensa à dignidade do casamento", principalmente porque implica intimidade sexual, que, na ótica do clero, deve ocorrer exclusivamente no casamento. Fora dele é "pecado grave" e exclui seus praticantes da comunidade eclesial. Na perspectiva do padre, a união carnal só é moralmente legítima quando se instaura numa "comunidade de vida definitiva" entre o homem e a mulher. O amor humano não tolera a "experiência", não permite relações "imediatistas" e "descartáveis" (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 439-449; p. 619).

Ainda em relação ao casamento, a conformidade do Padre Rossi como a tradição fica evidente quando ele foca o "casamento homossexual". Padre Marcelo declara: "Para a Igreja, casamento é entre homem e mulher." (ISTOÉ, n. 1800, 07/04/2004, p. 07-11). Reforça-se a idéia do casamento católico, visando à procriação. Na sua perspectiva, "tem de lidar, conversar com carinho, respeitar o homossexual, mas legalizar..." (Caras 04/12/1998). O Padre não o considera "coisa de Deus", nem "normal". Essa postura leva-o à drástica oposição quanto à presença de "efeminados" no clero: "Quando eu era seminarista, conheci vários efeminados. Se eu fosse o reitor, diria: 'olha, meu irmão, desculpa, mas isso aqui não é uma missão para você'" (FOLHA DE SÃO PAULO, 16/04/2004). De fato, essa sugestão do Padre Marcelo foi posta em prática recentemente pelo Papa Bento XVI. Numa clara tentativa de dar à sociedade uma resposta diante dos casos de pedofilia entre os sacerdotes católicos, foi editada uma orientação aos reitores e coordenadores dos seminários para que ex-

tinguissem os candidatos ao sacerdócio que possuem “tendências homossexuais”.

Para Rossi é possível “salvar” o homossexual do pecado através de duas soluções. A primeira “seria “mudar” tal estado de espírito”. A segunda seria dar ao homossexual uma atenção especial. As posturas rossianas não diferem das posturas oficiais da hierarquia. Conforme o *Catecismo da Igreja Católica*, os homossexuais devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á todo sinal de discriminação injusta. Todavia, “em caso algum, os homossexuais podem ser aprovados”. Esses são chamados à castidade pelas virtudes do autodomínio com o apoio de uma “amizade desinteressada”, pela oração e pela graça sacramental. Podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente da “perfeição cristã” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 610-611).

A postura rossiana frente ao homossexualismo segue literalmente a proposta do Vaticano. O documento considera a sua prática “atos desordenados” e contrários à “lei natural” – procriação. Essa postura vincula-se à perspectiva do catolicismo quanto ao corpo, considerado microscopicamente pecaminoso, tanto como receptáculo da tentação quanto como provocador dela. Desse modo, ocorrerá, na tradição católica, a sexualização de todos os pecados e do corpo inteiro, que significa a preocupação com todas as formas de concupiscência, visto ser esta a manifestação da fraqueza da carne. A vigilância volta-se para a percepção, captura e controle de tudo quanto desperte prazer. Nessa perspectiva, o sexo está funcionalmente vinculado à procriação. Embora ele esteja essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas ainda mais pecaminosas, colocadas sob a categoria da concupiscência, da luxúria e como pecados mortais (CHAUÍ, 1984).

A busca da “perfeição cristã” evidencia-se no discurso do Padre Marcelo quando foca outro tema ligado à sexualidade: o celibato. Como afirma o Padre Rossi, “tudo o que vemos é um mundo erotizado, que coloca o sexo em primeiro lugar. Não é assim. Sou celibatário, vivo o celibato e creio nele.” (Folha de São Paulo, 06/02/2000, p. 1-13). O Padre aponta, inclusive, algumas soluções para se manter casto: “quando recebo cartas

de amor – e olha são muitas – começo a ler e logo rasgo. Se estou assistindo à TV e vejo uma cena de sexo, mudo de canal” (FOLHA DE SÃO PAULO, 16/04/2004).

Nessa perspectiva, o celibato dos padres se apresenta como um contraponto virtuoso aos desmandos eróticos do mundo. Marcelo Rossi toma a castidade como “integração correta da sexualidade na pessoa”, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual. De acordo com o catecismo, a virtude da castidade comporta a integridade da pessoa e a integração da doação. A pessoa casta mantém a integridade das forças vitais e do amor depositadas nela. Comporta uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana. Aquele que quer permanecer fiel às promessas do Batismo e resistir às tentações empenhar-se-á em usar os meios: o conhecimento de si, a prática de uma ascese adaptada às situações em que se encontra a obediência dos mandamentos divinos, a prática das virtudes morais e a fidelidade à oração. Esse domínio é um trabalho a longo prazo. Nunca deve ser considerado definitivamente adquirido. A castidade representa uma tarefa eminentemente pessoal e é uma virtude moral. É também um dom de Deus, uma graça, um fruto da obra espiritual. Aquele que a pratica torna-se para o próximo uma testemunha da fidelidade e da ternura de Deus. A castidade é promessa de imortalidade (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1999, p. 606-607).

As posturas adotadas pelo Pe. Marcelo Rossi em relação à sexualidade está diretamente vinculado à função estabelecida pela tradição ao sexo: procriação. Embora ele esteja essencialmente atado ao pecado, todas as atividades sexuais que não tenham finalidade procriadora são consideradas ainda mais pecaminosas, colocadas sob a categoria da concupiscência, da luxúria e como pecados mortais. Nessa perspectiva, valoriza-se uma pedagogia disciplinar, que incentiva e estimula a prática da continência – moderação- e da abstinência –supressão- sexuais (CHAUÍ, 1984: 87).

Por fim, o discurso do Padre Marcelo Rossi revela uma tensão com o mundo quando explicita sua opinião sobre a associação entre política e religião a partir dos moldes da Teologia da Libertação. Durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), a Igreja Católica surgiu aos olhos da

sociedade civil e dos próprios militares como o adversário principal do estado autoritário. Vários movimentos sociais em defesa dos direitos humanos ou de sindicatos de trabalhadores ou camponeses encontraram abrigo nessa Igreja. Através da voz dos bispos, criticavam-se, de uma maneira cada vez mais direta e explícita, as violações de direitos humanos e a ausência de democracia. Mas não era só isso: denunciava-se também o método de desenvolvimento imposto pelos militares, seu programa de “modernização” em sua totalidade, considerando-o desumano, injusto e baseado na opressão social e econômica dos pobres. O papel político dos sacerdotes católicos se tornou tão visível que Nelson Rodrigues formulou um novo tipo: o “padre de passeata” (apud. CASTRO 1997, p. 144).

Cada vez mais o diálogo com a modernidade era reforçado. A Igreja Católica redefiniu sua orientação naquilo que afetava o dia-a-dia do católico, não somente em termos ritualísticos e da doutrina espiritual, mas, sobretudo no que se diz respeito à maneira como o cristão deva se colocar no mundo profano. Dessa postura emergiram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), com um duplo movimento: o de militância católica de esquerda e o da própria Igreja que procurava atualizar-se no mundo. As CEBs significaram uma mudança efetiva na prática pastoral, com inequívoca abertura para as questões sociais, gerando inclusive mecanismos de formação de militância político-partidária, em que ficou selado o compromisso da “opção preferencial pelos pobres” (PRANDI, 1998, p. 97-98).

Esta Igreja dos Pobres teve grandes aspirações. O objetivo último era exercer influência sobre os indivíduos e a sociedade por meio do processo de conscientização. Foi apresentada uma interpretação diferente da Bíblia e das doutrinas do catolicismo. A nova forma de organizar os leigos em comunidades de base e a interpretação renovada do evangelho eram maneiras de realizar uma transformação social e política da Igreja e da sociedade. A idéia principal do projeto da Igreja dos pobres era de despertar a consciência política. A retórica da Teologia da Libertação dava ênfase ao conhecimento e à racionalidade como ferramentas necessárias para se formar uma idéia do progresso social e da responsabilidade indivi-

dual no projeto de criação do Reino de Deus na Terra (THEIJE, 2002, p. 72-76).⁶

Padre Marcelo Rossi posiciona-se de forma contrária a esse modelo de catolicismo. Seus discursos estão marcados por inúmeras críticas às posturas dos padres ligados à Teologia da Libertação. No seio das suas discordâncias está a distinção entre o plano espiritual e o plano político. Suas falas, em diversos momentos, apontam aquilo que Marcelo Rossi considera como “problemas” e “limites” das práticas da Igreja dos Pobres, tais como: “radicalismo”, “falta de equilíbrio”, ênfase no social em detrimento do espiritual, o uso da comunicação para “denunciar” e não “informar”, o “partidarismo político”, o sentido “acusatório” das pregações”. Numa entrevista à Folha de São Paulo em 2000, quando foi indagado sobre a Teologia da Libertação, Padre Marcelo destacou:

“É uma bênção. Só que o grande perigo é que esqueceram a oração. (...) Lembro-me de um irmão amigo, estudávamos juntos. Ficou de tal modo preocupado com o social que largou o sacerdócio. Eu sou padre. (...) Com 19, 20 anos, um período muito difícil por causa da morte de meu primo, fui buscar algo na igreja. Até hoje me lembro. Fui à igreja em Santana (zona norte de São Paulo), assistir a uma missa dominical. O padre - não interessa o nome, porque ele ainda está vivo - falou de política. Quase falou em que partido eu deveria votar. Aquilo para mim

⁶ O raciocínio compreendia a idéia de que, para se edificar o Reino de Deus na Terra, os católicos deveriam começar a trabalhar em seu próprio ambiente cotidiano. Os pobres deveriam assumir a vanguarda desse movimento, pois são leais a Deus por sua unidade e fraternidade. As bases teológicas foram formuladas na Teologia da Libertação, que se diferencia em três pontos da teologia do catolicismo tradicional. Em primeiro lugar, a teologia não pode ser separada dos contextos socioeconômico e político. Segundo, esta teologia sustenta a premissa de que Deus faz “uma opção preferencial pelos pobres”. Por fim, ela é marcada pela idéia de que a salvação deve ser encontrada nesta vida: não é um prêmio a ser obtido após a morte. Os teólogos consideravam as comunidades de base como o meio mais adequado para criar um contexto em que os católicos pobres pudessem desenvolver uma consciência da situação política e social de seu país e traduzi-la numa adequada ação política e social. A consciência social era o caminho da salvação. A religião era vista como uma fonte de mudança cultural, social e política. Inspirados em leituras críticas da Bíblia em relação à estrutura social, os pobres seriam emancipados para se filiarem aos partidos políticos e aos sindicatos, para exigirem serviços e infra-estrutura dos governos locais, fazendo assim a sua parte na criação de uma sociedade justa “aqui e agora” (THEIJE, 2002, p.23-24).

foi uma agressão. Deixa explicar por quê. Já naquela época, comecei a estudar história da igreja. E fui me apaixonando por santo Irineu, santo Agostinho, santo Ambrósio. Pô, cheguei à missa, e o padre, em vez de citar esses exemplos, começou a comentar o panorama político. Não que seja contra, mas tudo tem hora. Mexeu comigo. Aí, voltei para valer à Renovação”. (Folha de São Paulo, 06/02/2000. p. 1-12).

Diversos signos discursivos podem ser analisados nesse discurso do padre Marcelo. Primeiramente, há uma discordância quanto à ênfase na pregação religiosa. Na Teologia da Libertação, os pobres foram conclamados ao engajamento social, à ação política e à busca de conhecimento científico para entrar no jogo político moderno (Steil, 1998: 63-65). Na visão desse catolicismo, sob nítida influência do marxismo, o pecado é social e se chama capitalismo. No lugar do tradicional opositor sobrenatural (“o velho diabo”), esse catolicismo coloca a classe social concreta: o mal é a burguesia e seu sistema econômico de exploração. O pecado é a exploração do homem pelo homem, e a medida do pecado tem nome: a mais-valia marxista (Prandi, 1998, p. 100).

Padre Marcelo Rossi adota uma leitura contrária a esta associação entre política e religião. Ao contrário da Teologia da Libertação, ele reforça a idéia tradicional católica de pecado. Na tradição católica o pecado é considerado um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas. De acordo com o catecismo católico, o homem, tentado pelo Diabo, deixou morrer em seu coração a confiança em seu Criador e, abusando de sua liberdade, desobedeceu a seus mandamentos. O homem optou por si mesmo contra Deus, contrariando as exigências de seu estado de criatura. Com a instauração do pecado, a harmonia da criação visível tornou-se para o homem estranha e hostil. Por causa do homem, a criação está submetida “à servidão da corrupção” (Catecismo da Igreja Católica, 1999, p. 110-113). Nessa ótica, corroborada no discurso do Padre Marcelo, a injustiça e a violência são atribuídas a “homens injustos”, que não tiveram seus “corações tocados” pela religião. O pecado aqui é individual e moral, ao invés de social, conforme defendem os adeptos da Teologia da Libertação. Nesse aspecto, há uma vinculação direta entre o discurso do Padre Marcelo e a concepção de pecado proposta pela Renovação Carismática. Tanto no campo da intimidade, quanto na esfera da vida pública. Seu

programa defende e apresenta uma moralidade tradicional centrada na família, na sexualidade e nos costumes estreitos da vida cotidiana.

O segundo sentido que pode ser observado nessa fala do Padre Marcelo Rossi é a preocupação com a eficácia do modelo católico. Novamente o sentido pragmático emerge no seu discurso, pois ele critica a Teologia da Libertação pelo “afastamento das pessoas”, como pode ser observado num outro trecho da citada entrevista quando fala da sua experiência numa comunidade pobre:

... há alguns anos, atendia à população da favela do Buraco Quente, que era uma das mais violentas de São Paulo.(...) Trabalhei dois anos e meio nessa favela. Folha - Ia todos os dias?

Padre Marcelo - Todo final de semana. Eu celebrava lá. Tínhamos uma creche. O padre anterior não fazia na creche um trabalho de missa. Ele fazia um trabalho social muito importante, de assistência. Quando cheguei, comecei a celebrar a palavra, levava a eucaristia. As pessoas se aproximavam e diziam: ‘Que bom! Até então, nós vínhamos, pegávamos comida, deixávamos nossos filhos, mas íamos à igreja evangélica aqui do lado’. Não tenho nada contra as igrejas evangélicas, mas eram católicos e, no domingo, iam ao culto evangélico. Se você quer dar consciência política às pessoas, tudo bem, mas em outra hora, não na hora da missa. (ISTOÉ, 07/04/2004, p. 07-11).

Há, nessa fala, a discordância quanto ao papel do sacerdócio atribuído pela Teologia da Libertação e aquilo que o Padre Marcelo considera adequado. No trecho anterior, Padre Marcelo destaca a ênfase do amigo pelo social em detrimento do espiritual, que o levou a abandonar o sacerdócio. Novamente o sentido pragmático está evidente. Há uma forte preocupação com a fuga dos fiéis e, nesse sentido, Rossi atribui outro papel à religião: conforto espiritual. Isso está evidente no seu depoimento quando aponta sua decepção ao assistir a uma missa dominical num momento em que precisava de “conforto”. Esse discurso demonstra também sua vinculação à Renovação Carismática. As críticas do Padre Marcelo à ênfase no espiritual vinculam-se à perspectiva da Renovação, que apresenta um mundo encantado, com curas e milagres. Os carismáticos, incluindo

o Padre Rossi, estão distantes do catolicismo “desencantado” e racionalizado proposto por alguns setores eclesiais pelo aggiornamento do Concílio Vaticano II. A RCC trouxe algo que já se encontrava no catolicismo popular e em outras religiões – males de todos os tipos são levados aos templos pentecostais, aos terreiros afro-brasileiros, aos centros católicos de peregrinação, aos centros kardecistas, às igrejas orientais. Agora, a cura de todos os males está num maior alcance dos católicos, que não precisam mais abandonar a religião “em que se nasceram”.

Num outro momento, a insuficiência da Teologia da Libertação quanto à evasão dos fiéis é destacada, dessa vez devido ao discurso racionalizante: “O discurso social dela abriu as portas para que os evangélicos avançassem. Eles têm um discurso pouco litúrgico e totalmente social. E quando a teologia se torna uma ideologia, é um perigo. O PT nasceu dessa igreja.” (Folha de São Paulo, 16/04/2004).

O que Padre Marcelo Rossi, aqui, condena e a aposta da Teologia da Libertação na secularização, aproximando-se de diversos modos da modernidade. Os setores progressistas católicos acreditavam que a secularização ocorreria sem a fuga da observância religiosa, uma vez que a religião se adaptaria à razão secular. Para um mundo secularizado, propõe-se um catolicismo despido de misticismo e irracionalidade.

Os padres da Teologia da Libertação também são criticados pela forma como incorporam o cotidiano: “Também acho importante que um sacerdote se vista bem. Na época da Teologia da Libertação, você ia a uma festa e era fácil reconhecer o padre: era sempre o mais mal vestido. Não gosto disso.” (Istoé, 07/04/2004, p. 07-11).

Aqui a vestimenta torna-se expressão de segregação do mundo, de renúncia e de abnegação, de vida dedicada completamente ao serviço de Deus. O Concílio Vaticano II (1962-1965) implicou a emergência de um novo habitus sacerdotal, despojado das vestes sagradas, das insígnias dos privilégios e de poder sobre a sociedade civil. Porém, o pontificado de João Paulo II implicou o esvaziamento da retórica politizada que contagiava expressivo número de teólogos e setores da hierarquia e recolocou em pauta problemas tingidos de forte teor moral, como aborto, homossexualismo, camisinha, clonagem. A Igreja de João Paulo II chama a atenção pelo esforço de se diferenciar, de impor sinais de resistência e

inclinações hoje em voga na sociedade, do uso de preservativos ao futebol aos domingos. Daí não causar estranheza que o processo de formação dos seus novos quadros volte a enfatizar signos de separação do seminarista em relação ao mundo. Como destaca Luiz Roberto Benedetti, professor da PUC-Campinas, a “característica mais importante” da formação dos seminaristas hoje é o isolamento do mundo dos homens, trabalho, política, negócios e sexualidade. Cada vez mais o seminarista é isolado do mundo para ver se pode ser padre. Há enquadramento, controle, monitoração e, sobretudo, a dependência, provocada pelo afastamento do mundo do trabalho. Na visão de Benedetti, o perfil de formação dos padres é uma extensão do que ele conceitualizou de “o novo clero”, cuja “novidade” é ser, na verdade, muito similar ao predominante antes do Vaticano 2º. Este clero é “clerical”. Faz questão de afirmar seu poder de produtor e administrador dos bens de salvação (monopólio da gestão do sagrado). Busca o que distingue, o que separa e o que é exclusivo. Afirma-se não pela capacidade de diálogo, de confronto com o mundo, mas sim por aquilo que só o padre pode fazer porque só ele tem o poder “legitimamente conferido” (A clericalização do clero e o aumento das vocações, FOLHA DE SÃO PAULO, 11/04/ 2004, p. 06).

A preocupação de Marcelo Rossi demonstra esforço de segregar o clero do “mundo profano”. O padre “bem vestido” implica o fim da mistura clero/povo, exprimindo a lógica da distinção entre sacerdotes e leigos. Em todo campo social, os traços distintivos mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na sua estrutura. Por exemplo, a roupa, a linguagem, “as maneiras”, o bom gosto e a cultura. Entre esses signos distintivos, estão as roupas e os enfeites, em virtude de seu elevado rendimento simbólico, que, ao lado da linguagem e da cultura, melhor realizam a função de sociação e dissociação⁷.

⁷ Os sistemas simbólicos derivam sua estrutura, o que é tão evidente no caso da religião, da aplicação sistemática de um único e mesmo princípio de divisão e, assim, só podem organizar o mundo natural e social recortando nele classes antagônicas, como pelo fato de que engendram o sentido e o consenso em torno do sentido por meio da lógica da inclusão e da exclusão, estão propensos por sua própria estrutura a servir simultaneamente as funções de inclusão e exclusão, de associação e dissociação, de integração e distinção.” (BOURDIEU, 1998a, p. 30.)

A partir desse breve esboço analítico, vê-se que no discurso do Padre Marcelo Rossi convivem elementos da modernidade e da tradição, aquilo que Peter Berger denomina de capitulação cognitiva. O Pe. Marcelo Rossi pratica uma espécie de rendição parcial tanto à tradição, quanto à modernidade. Ele aceita com reservas o espírito da época. De certa forma, essa tensão que atravessa o discurso do Padre Marcelo Rossi foi apontada por Weber na sua discussão sobre o avanço da secularização. De um lado, o Padre Marcelo Rossi se esforça por fazer da tradição algo “relevante” ao homem moderno. Assim, seu catolicismo secularizado tem que fazer esforços consideráveis para demonstrar que o rótulo religioso, modificado de acordo com o espírito da época, tem qualquer coisa de especial a oferecer. Entretanto, quando discute questões morais, como aquelas ligadas à sexualidade, evidencia-se no seu discurso uma rejeição do mundo.

Como já foi dito no discurso do Padre Marcelo a modernidade é aceita com poucas reservas. O discurso de Rossi é marcado por uma acomodação limitada, controlada, posição que envolve um processo de regateio com o pensamento moderno. No plano da liturgia e da pregação, rende-se à modernidade. No plano da moral, reafirma os valores da tradição católica.

Dessa forma, o discurso do Pe. Marcelo Rossi evidencia capitulação seletiva da modernidade. Seu discurso não se fecha totalmente à tradição. De um lado, seu discurso é contrário a um catolicismo de sofrimento, apresenta uma religião alegre e prazerosa, que valoriza a experiência subjetiva e pessoal, a eficácia e a adaptação aos fiéis – consumidores- e insere-se relativamente na cultura e na sociedade atual. Por outro lado, reforça a tradição quando enfoca temas como disciplina e sexualidade. Nesse aspecto, seu discurso é marcado por um acentuado clericalismo, dogmatismo e absolutismo moral. Podemos dizer que o Padre Marcelo Rossi acende uma vela a Deus –tradição- e outra ao diabo – modernidade.

Em diversas passagens, seu discurso nega o mundo e reforça a autoridade e o magistério da Igreja Católica. Seguindo uma orientação conservadora, apenas a Igreja é capaz de interpretar “autenticamente” a Palavra de Deus a partir da autoridade conferida aos bispos em comunhão com o

Papa, o Bispo de Roma. Nessa ótica, o magistério da Igreja é empenhado principalmente quando define dogmas, que devem ter uma “adesão irrevogável da fé” pelos cristãos (CATECISMO, 1999, p. 36).

A Lei de Deus confiada à Igreja, é ensinada aos fiéis como caminho da vida e da verdade. Os fiéis têm o dever de observar as constituições e os decretos promulgados pela legítima autoridade da Igreja. Mesmo que sejam disciplinares, tais determinações exigem a docilidade na caridade. Na obra de ensinar e explicar a moral cristã, a Igreja necessita do devotamento dos pastores, da ciência dos teólogos, da contribuição de todos os cristãos e dos homens de boa vontade (CATECISMO, 1999, p. 536).

No discurso do Padre Marcelo, o mundo é marcado pelo pecado, tendo a Igreja um papel fundamental de reação “ao caos provocado pelo pecado”. A Igreja está na história, mas, ao mesmo tempo, transcende-a. Na tradição católica, o pecado é considerado um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas. Com a instauração do pecado, a harmonia da criação visível tornou-se para o homem estranha e hostil. Por causa do homem, a criação está submetida “à servidão da corrupção” (CATECISMO, 1999, p. 218-221).

ENTREVISTAS PUBLICADAS

ANTENORE, Armando. “Não fabricamos nem vendemos produtos”. Entrevista de . Fernando Figueiredo. **Folha de São Paulo**, 13/12/1998. p. 1-4. Disponível em <http://www.folhadesaopaulo.com.br>. Acesso em 20 abr. 2003.

CRIVELLARO, Débora. Sagração do popstar. Entrevista de Marcelo Rossi. **Época**, 18/10/99, p. 33.

GUIMARÃES, Cléo e LEME, Álvaro. “Não sou santo”. Entrevista de Marcelo Rossi. **Folha de São Paulo**, 16/04/2004. Disponível em <http://www.folhadesaopaulo.com.br>. Acesso em 20 abr. 2003.

PIOVESAN, Márcia. “Padre Marcelo Rossi diz como vê o sexo e o amor”. *Chiques & Famosos*, 08/10/1999. FIGUEIREDO, Dom Fernando. “Não produzimos nada”. **Istoé**, 16/12/98.

ROSSI, Pe. Marcelo. “Não sou milagreiro”. **Istoé**, 24/12/1997.

- ROSSI, Pe. Marcelo. Entrevista. **Caras**, 04/12/1998.
- ROSSI, Pe. Marcelo. Entrevista. **Noroeste News**. 09/12/1998.
- ROSSI, Pe. Marcelo. "Não sou um pop star". **Época**, 15/03/1999.
- ROSSI, Pe. Marcelo. Entrevista. **Revista Coleção Glória ao Senhor**, n. 1, 04/1999.01
- ROSSI, Pe. Marcelo. Entrevista. **Revista Fé e Luz**, 12/1999 (Especial).
- ROSSI, Pe. Marcelo. "Estou em um momento especial da minha vida". **Contigo!**, 21/12/1999.
- ROSSI, Pe. Marcelo. "Padre Marcelo Rossi se emociona ao falar de sua estréia no cinema". **O Fuxico**, 22/05/2003.
- ROSSI, Pe. Marcelo. "Não senti com namorada o que sinto hoje pela Igreja". **Folha de São Paulo**, 06/02/2000, p. 1-13 (Brasil)
- SILVA, Chico. Entrevista: Padre Marcelo Rossi. **Istoé**, n. 1800, 07/04/2004, p. 07-11.
- SOARES, Ana Carolina. Padre Marcelo: o missionário quer o mundo. **Contigo!** n. 1479, 22/01/2004, p. 34-39.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS FILHO, Clóvis de; MARTINO, Luís Mauro Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus. 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 2. ed. São Paulo: Hucitec. 1981.
- BAUER, Martim W; GASKEL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 2003.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 3 ed. São Paulo: Paulus. 1985.
- _____. **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes. 1996
- _____; LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes. 2004.

- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense. 1990.
- _____. **Esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994b, p. 46-81.
- _____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus. 1996.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5. ed., São Paulo: Perspectiva. 1998a.
- _____. **O Poder Simbólico**. 2. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998b.
- _____. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. 2. ed. São Paulo: Edusp. 1998c
- _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983.
- _____. **Gosto de classe e estilo de vida**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1994c, p. 82-121.
- _____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2001.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 11 ed. São Paulo: Loyola. 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense. 1984.
- DANIEL, José Luiz. O discurso e o discurso religioso. **Letras**, Campinas, Puccamp, 1996, v. 15, n. 1 e 2, p. 43-50.
- DARIVA, Noemi (org.). **Comunicação social na igreja: documentos fundamentais**. São Paulo: Paulinas. 2003.
- GEERTZ, Clifford. **Observando o Islã**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2004.
- GOODE, William Josiah. **Métodos em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional. 1977.
- GRIGOLETTO, Evandra. **Sob o rótulo do novo, a presença do velho: análise do funcionamento da repetição e das relações divino/temporal no discurso da renovação carismática católica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2003.
- HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes. 2001.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

ROSSI, Marcelo. **Eu sou feliz por ser católico**. São Paulo: s/d, 2002.

_____. **Parábolas que transformam vidas**. Curitiba: Novo Rumo, 2003.

_____. **Momento de fé: as melhores histórias**. Curitiba: Novo Rumo, 2004.

_____. **Pe Marcelinho ensina a rezar**. Curitiba: Novo Rumo, s/d.

SILVA, A. Santos; PINTO, J. Madureira. **Metodologia das Ciências Sociais**. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1987.

SOUZA, André Ricardo de. **Padres cantores, missas dançantes: a opção da Igreja Católica pelo espetáculo com mídia e marketing**. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – USP, 2001.

_____. **Igreja In Concert: padres cantores, mídia e marketing**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

STEIL, Carlos Alberto. **A Igreja dos Pobres: da Secularização à Mística**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, out/1998, v. 19, n. 2, p. 61-76.

TRIVINOS, Augusto N. S. 1995. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VALA, Jorge. A análise de conteúdo. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (orgs.). **Metodologia das ciências sociais**. Porto: Afrontamento, 1987, p. 101-128.

WEBER, Max. “Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções”. In: GERTH, H. M.; MILLS, C. Wright (orgs.). **Max Weber**. Ensaios de Sociologia. 5 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982, p. 371-410.